

Processos Socioculturais do Turismo na Localidade Receptora: o olhar de residentes sobre os visitantes da Ilha da Pintada/Porto Alegre/RS¹

Procesos Socioculturales del Turismo en la Localidad Receptora: la mirada de residentes sobre los visitantes de la Ilha da Pintada/Porto Alegre/RS

Socio-cultural Processes in Tourism in the Host Locality: residents' perspective of visitors to the Ilha da Pintada/Porto Alegre/RS

Ivone dos Passos Maio

zimaio@gmail.com

Margarita Barretto

barreto@floripaturbo.com.br

Rafael José dos Santos

rafael@cipnet.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta, um estudo sobre os processos socioculturais do turismo na localidade da Ilha da Pintada/Porto Alegre/RS. Os moradores tradicionais da Ilha da Pintada estavam ligados à pesca e à pecuária, mas diversas transformações do mundo moderno foram modificando esta situação, fazendo com que muitos buscassem novas colocações no mercado de trabalho. Outros ainda, mantêm suas atividades tradicionais, adaptando-se às novas exigências. O turismo aparece como um importante agente de transformação nesta comunidade, que recebe excursionistas e turistas de segunda-residência, estes últimos, de classe social alta, imprimindo na localidade modos de vida diferenciados daqueles cultivados tradicionalmente. O estudo privilegia, através do método etnográfico, o olhar de *residentes* sobre os *turistas*. Busca-se compreender a cultura popular-tradicional e sua relação com a modernidade, a partir do conceito de *culturas híbridas* de García Canclini. Procura-se também, compreender o turismo enquanto fenômeno constitutivo das transformações do mundo moderno, e não como processo isolado.

Palavras-chave: Turismo – Antropologia – cultura - processos socioculturais.

Resumen

Este trabajo presenta, un estudio sobre los procesos socioculturales del turismo en la localidad de la Ilha da Pintada (Isla de la Pintada)/Porto Alegre/RS. Los moradores tradicionales de la Isla de la Pintada estaban ligados a la pesca y a la pecuaria, pero diversas transformaciones del mundo moderno han modificado esta situación, haciendo con que muchos buscaran nuevas colocaciones en el mercado de trabajo. Otros todavía, mantienen sus actividades tradicionales, adaptándose a las nuevas exigencias. El turismo aparece como un importante agente de transformación en esta comunidad, que recibe excursionistas y turistas de segunda-residencia, estos últimos, de clase social alta, imprimiendo en la localidad modos de vida diferenciados de aquellos cultivados tradicionalmente. El estudio privilegia, a través del método etnográfico, la mirada de *residentes* sobre los *turistas*. Se busca comprender la cultura popular-tradicional y su relación con la modernidad, a partir del concepto de *culturas híbridas* de García Canclini. Se busca también, comprender el turismo como fenómeno constitutivo de las transformaciones del mundo moderno, y no como proceso aislado.

Palabras-clave: Turismo – Antropología – cultura - procesos socioculturales.

Abstract

This work presents a study on the socio-cultural processes of tourism in the locality of Ilha da Pintada/Porto Alegre/RS. The traditional inhabitants of the Ilha da Pintada were employed in fishing and livestock farming, but various changes in the modern world have altered this situation, causing many of these people to look for new jobs. Others have continued with their traditional activities, adapting to the new demands. Tourism emerges as an important agent of change in this community, which receives excursionists and second-home tourists, the latter of high social class, stamping on the locality lifestyles which are very different from those traditionally cultivated. This study focuses, through the ethnographic method, on the *residents'* perspective of the tourists. It seeks to understand the popular-traditional culture and its relation to modernity, based on the concept of *hybrid cultures* of García Canclini. It also seeks to understand tourism as a phenomenon which promotes changes in the modern world, and not as an isolated process.

Key words: Tourism – Anthropology – culture – socio-cultural processes.

*Professora do Curso de Turismo da Faccat. Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS.

** Docente / Pesquisadora do Mestrado Acadêmico em Turismo da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

1 Introdução

Os estudos a respeito de mudanças socioculturais provocadas e/ou reforçadas pelo turismo nas localidades receptoras, assim como as relações entre turistas/residentes, tem sido preocupação relevante, com produção significativa nas Ciências Sociais, em especial na Antropologia. Ainda assim, é possível afirmar conforme cita Silva (2001, p.175) que “[...]essa postura ética, que faria com que as responsabilidades sociais não se restringissem aos turistas, mas também à população receptora, tem sido muito pouco discutida”.

Este artigo apresenta um estudo sobre os processos² socioculturais do turismo na localidade da Ilha da Pintada/Porto Alegre/RS. Os moradores tradicionais da Ilha da Pintada estavam ligados à pesca e à pecuária, mas sofreram, nas últimas décadas, diversas transformações do mundo moderno, alterando suas relações de trabalho. Muitos, ainda mantêm suas atividades tradicionais, adaptando-se às novas exigências. O turismo aparece como um importante agente de transformação nesta comunidade. Os visitantes - excursionistas e turistas de segunda-residência³ - estabelecem diferentes relações de troca com os moradores.

O trabalho identifica, através das narrativas locais, as transformações da modernidade no local em que convivem com as atividades tradicionais, como a pesca e o artesanato. Relaciona estes acontecimentos com o turismo, entendendo este fenômeno como parte integrante das transformações do mundo moderno, e não como processo isolado.

2 Considerações Teórico Metodológicas

A escolha do método parte do pressuposto de que a pesquisa qualitativa parece ser a melhor maneira de trabalhar com dados que expressem aspectos de percepção e de atitudes, ou mesmo, subjetivos e simbólicos, já que é difícil transformar sentimentos, acontecimentos cotidianos em valores numéricos. Foi escolhido como método de pesquisa a etnografia, na tentativa de olhar de dentro, de imergir no mundo do outro.

Para Laplantine (2005, p. 150) a etnografia

é antes a experiência de uma imersão total, consistindo em uma verdadeira aculturação invertida, na qual, longe de compreender uma sociedade apenas em suas manifestações “exteriores”, devo interiorizá-la nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos.

A pesquisa teve como bases a observação direta, a observação participante, além de entrevistas com alguns moradores⁴ da Ilha da Pintada. As entrevistas foram abertas, gravadas ou registradas no caderno de campo. Ao considerar as entrevistas abertas, não significa que estas não foram planejadas previamente, mas sim que o entrevistado tinha liberdade de falar o que desejasse, não ficando preso a um esquema. Da mesma forma, a pesquisadora se permitiu abordar novos temas se eles se revelassem durante tal conversa. A pesquisa privilegia entender as relações entre a comunidade (heterogênea) da Ilha com o turismo e com os turistas, a partir da ótica de moradores da Ilha.

Partindo do princípio de que a cultura é dinâmica e que diversas estruturas culturais coexistem e fundem-se no local pesquisado, o conceito de *culturas híbridas* de Canclini (2003) permeará este trabalho ajudando a compreender as relações e a cultura hoje.

Dentro deste entendimento, Canclini (2003) fala da dificuldade, em especial na modernidade, de determinar a cultura enquanto isto ou aquilo; enquanto erudita, popular ou de massa, moderna, tradicional ou popular. Essas barreiras ou fronteiras parecem cada vez mais nebulosas. Da

mesma forma, neste trabalho, não há como caracterizar a comunidade estudada de forma idílica, considerando-a somente como uma comunidade de pescadores, arraigada em uma cultura “pesqueira” pré-industrial. Isso seria falsear os fatos ou, no mínimo, simplificá-los. Ou até mesmo, entender se este local é um lugar turístico ou não, ou será que ele é aos domingos, mas não é de segunda a sexta-feira? Por isso, considera-se interessante o conceito de híbrido, pois ele permite movimento à cultura, ele permite trocas, ele exclui a necessidade de uma “pureza” da cultura.

Canclini (2003, p.XIX) cita, “entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” O autor, apoiado em Stross (1999 apud CANCLINI, 2003), acredita que uma das formas de descrever esse processo do discreto ao híbrido é a fórmula “ciclos de hibridação”, segundo a qual “na história, passamos de formas mais heterogêneas a outras mais homogêneas, e depois a outras relativamente mais heterogêneas, sem que nenhuma seja ‘pura’ ou plenamente homogênea” (CANCLINI 2003, p.XX). Interessante notar a citação que o autor faz ao Turismo neste processo:

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. (CANCLINI, 2003, p.XXII)

Portanto, as trocas culturais se dão de diversas formas e motivos e esse processo gera mudanças, gera hibridização. Porém, é importante lembrar que esses processos híbridos não se dão com ausência de poder e de conflitos: “a hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições” (CANCLINI 2003, p.18).

Entende-se, também, que o estudo dos processos socioculturais deve, necessariamente, estar vinculado ao entendimento do processo de globalização, uma vez que as mudanças resultantes do turismo não ocorrem de forma isolada, e sim dentro de um contexto. Uma vez em campo, Laplantine diz que “tudo deve ser anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar” (ibid, p.156). Para este autor o estudo da totalidade é uma exigência. Também ilustrando esta idéia Mauss (1960 apud LAPLANTINE, p.156) escreve “o estudo do concreto é o estudo do completo”. Portanto, ao propor-se o estudo dos processos socioculturais do turismo, não é possível isolar o turismo e a comunidade estudada do mundo, do contexto em que os fenômenos ocorrem.

Entende-se o turismo como dimensão constitutiva do processo de globalização, não sendo possível separá-los. Afirma-se isso, considerando que o turismo se desenvolva dentro da lógica capitalista que se processa em nível global. Refletir dessa forma leva a entender o desenvolvimento do turismo como parte integrante de um processo maior que se chamará genericamente de globalização.

3 A Ilha da Pintada

Diferentemente do que a palavra ilha pode sugerir – isolamento - a Ilha da Pintada é um bairro de Porto Alegre. Sua ocupação se dá juntamente com a urbanização do centro da cidade, em 1773 (GOMES et al, 1995, p.44). Teve como alguns de seus primeiros povoadores, pessoas excluídas dos grandes latifúndios, doados pela coroa portuguesa, no Brasil, no século XVIII. Entre estas pessoas, que não possuíam terras, estavam lavradores, pobres, índios, desertores do exército e negros, inclusive existindo fortes indícios de formação de quilombos em ilhas vizinhas (GOMES et al, 1995, p.25).

A Ilha da Pintada é uma das trinta ilhas que integram a Área de Preservação Ambiental Delta do Jacuí, sendo a parte não habitada, considerada área de Parque (exclusiva para conservação). Ela está localizada em frente ao centro da cidade de Porto Alegre. Sua localização em relação à cidade, o fato de estar junto à via de maior trânsito fluvial (rio Jacuí), contribuíram para que logo se constituísse um povoado, tendo, hoje, em torno de oito mil habitantes.

A importância e a necessidade de barcos fizeram surgir uma mão de obra naval qualificada, (GOMES et al 1995, p.56) e também os estaleiros tiveram importante papel nas atividades econômicas da Ilha. O maior deles, na época chamado Mabilde, instalou-se na Ilha em fins do século XIX, atraindo outros moradores para lá. Atualmente, o estaleiro está na Ilha, porém, somente com atividades de reparo às embarcações e pequenas fabricações. Em tempos áureos chegou a empregar quinhentos trabalhadores, hoje, resumem-se a aproximadamente 50.

Tendo como base a mão-de-obra familiar, a pesca foi, durante muito tempo, a principal atividade dos moradores da Ilha da Pintada, tendo, também, destaque a criação de gado para leite. Desde 1921 está instada na Ilha a colônia pesqueira Z-9, atual Z-5, com o objetivo de fiscalizar e proteger as atividades pesqueiras.

A pesca na Ilha da Pintada entrou em franco declínio a partir da metade do século XX. Até esta data, a Ilha da Pintada vendia seus produtos, em especial, o peixe e o leite, diretamente ao consumidor no centro da cidade.

Fatores como a industrialização da pesca, melhores condições de conservação e distribuição e, em especial, a baixa piscosidade do rio, contribuíram para o declínio da atividade pesqueira. Além disso, a entrada do peixe de mar acabou tendo mais espaço no mercado, tanto que hoje nas peixarias do Mercado Público Municipal, a grande maioria dos peixes é de água salgada. Da mesma forma, a entrada das indústrias de laticínios e a dificuldade de armazenagem, contribuíram para o fim da atividade leiteira.

Muitas transformações na infra-estrutura da Ilha da Pintada marcaram as últimas décadas do século XX. A água que era retirada diretamente do rio passa a ser água tratada, chega a energia elétrica, é construída a ponte de concreto armado ligando a Ilha ao continente (hoje município de Eldorado do Sul) e, posteriormente, feita a pavimentação asfáltica na grande maioria das ruas. Aos poucos, a urbanização transforma este local de características rurais e chama a atenção de novos moradores. Em especial, na década de 1980, a Ilha sofre um grande inchaço populacional, o que de certa forma assustou os moradores, acostumados a “se conhecerem” e ter uma relação bastante próxima na comunidade. Além disso, houve o receio de que esta mudança trouxesse violência para a Ilha.

Muitos moradores lembram com saudade do tempo em a Ilha “não tinha nada”. Lea, hoje com mais de quarenta anos, lembra do passado quando ainda era criança:

Dá saudade, era bem melhor, não tenho nem dúvida. Essa estrada também não tinha, era só um bequinho que tinha, aí quando tinha enchente que a gente não pegava lancha, porque naquele tempo era lancha. Aí quando a gente não pegava a lancha, a gente pra não se molhar ia por trás da Rádio Guaíba pro colégio. Senão a gente ia com água até aqui, até os peito. A gente levava roupa e daí trocava lá... mas era bom. Eu preferia aquele tempo do que agora. Aqui na frente, não tinha esse asfalto nós botava rede, pra pega peixe. (Entrevista concedida em 21/02/2006)

A saudade de alguns elementos do passado mistura-se com o reconhecimento dos benefícios da atualidade. A maioria dos entrevistados demonstra em suas falas engajamento e/ou conhecimento político. Não necessariamente partidário, mas revelado na participação destas pessoas em grupos, associações. Além disso, acredita-se que a luta da comunidade pela infra-estrutura urbana adequada na Ilha, fez com que estas pessoas tivessem que se apropriar deste conhecimento para poder fazer frente ao poder público.

Dani conta um pouco desta trajetória:

E a gente gritava por tudo. E aí começaram a explicar pra gente. Na verdade o OP (Orçamento Participativo) veio e foi explicado pelo Irmão, naquela época, pra gente. O Irmão já foi representante do prefeito aqui nas Ilhas. Ele muito fez por aqui. Ele que incentivou a questão das associações, do pessoal se reunir, se organizar. E aí a gente com todas essas deficiências, a gente começou a entender o OP... Bom aí a gente teve água, aí o nosso Posto de Saúde, que era assim que se chamava, agora é o PSF, né?, mudou. O nosso transporte também, fizemos comissões. Fomos aprendendo, aprendendo... apanhamos no início como tudo, mas a gente foi melhorando. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

A Ilha da Pintada, apesar de ser urbanizada, ainda guarda diversas características do passado recente, como a pesca artesanal, a relação com o rio, as relações na comunidade. É possível observar homens conversando na frente da Colônia Z-5, que é um ponto de encontro da comunidade, não só de pescadores. É no salão da Colônia que acontecem os eventos da comunidade, casamentos, bailes, e também é onde o pescador vai comprar material de pesca e combustível. Já, na Rua Nossa Senhora da Boa Viagem, costeira ao rio, há muitas casas e, em frente, diversos trapiches de madeira ou simplesmente os pequenos barcos de pesca amarrados. A margem do rio é local constante de encontro para momentos de lazer, conversar com os vizinhos, sentar-se a sombra das taquaireiras, como também é de trabalho, os homens arrumam as redes de pesca e as pequenas rampas formam pequenos estaleiros para consertos e pintura das embarcações.

Este ambiente “artesanal” guarda surpresas como em uma das ocasiões de estar participando de uma Romaria de barco, no retorno, ao passar pela margem, um cheiro de peixe frito sai de uma das casas, na varanda, está a família se preparando para o almoço ao som de música funk em alto volume. Um outro relato também traz a mediação da indústria cultural nas relações da comunidade, enfatizando a questão da presença negra na comunidade:

A Ilha da Pintada ainda é, só que melhorou bastante, uma comunidade extremamente racista. Mas assim, negro não entrava no Z-5, começou com a entrada minha, do meu irmão e da minha irmã, né? Dançando as músicas do Michel Jackson, que naquela época era o grupo Jackson's Five, e nós usávamos black power bem grandão, calça justa, camisa larga, e nós sabíamos dançar. Nós dançávamos na rua, aí o pessoal começou a gostar e a nos levar pra lá. Aí a gente começou a ir, foi assim que se deu nossa entrada lá. (Dani, entrevista concedida em 15/02/2006)

O grupo de música americano media as relações das pessoas e faz com que aqueles que estavam excluídos, passem a poder freqüentar um local da comunidade por serem identificados a um fenômeno global.

Sobre a relação dos moradores da Ilha da Pintada com o centro de Porto Alegre, muitas vezes são ressaltadas as diferenças entre estes locais, como o Sr. Adir que considera que há uma relação de dependência com o centro da cidade, mas, ao mesmo tempo, a Ilha possui um estilo de vida diferenciado:

Nó dependemos de Porto Alegre, nós moramos em Porto Alegre, aqui é Porto Alegre. É poucos que tem o privilégio de morar em Porto Alegre e ter uma vista de Porto Alegre. [...] Nós vivemos uma vida a parte, nós dependemos, nós vamos lá só pelo essencial. Do contrário nossa vida é completamente a parte. É uma vida completamente diferenciada deles lá. Não dá nem para comparar [...] (Entrevista concedida em 06/02/2006)

O Sr. Adão, pescador, durante um passeio no seu barco disse, apontando para o centro da cidade, “Ali é a selva de pedra, aqui o pulmão”. Ele fala de suas idas à cidade:

A gente vai seguido sim. Porque a gente tem que comprar muita coisa e tem que ir na cidade. Mas eu na cidade, me sinto sufocado. Até muito pouco eu vou de ônibus, eu já vou de barquinho. Que é pra vim de lá pra cá tirando a camisa e ficando a vontade, tiro o calçado, a gente acostumou assim muitos anos nesse esquema. (Entrevista concedida em 10/02/2006).

Durante estas conversas facilmente se nota o apego destas pessoas a este local. Os entrevistados, na sua maioria, valorizam a tranquilidade, a segurança, a natureza, as relações próximas com os outros moradores. De qualquer forma, a relação com o centro da cidade se estabelece de forma clara, seja a trabalho ou a lazer, ou para procurar serviços inexistentes na Ilha, o certo é que há um grande fluxo de ilhéus para o centro. Fato facilmente constatado nas idas e vindas em diferentes horários nos ônibus de transporte público sempre com grande movimento de pessoas.

4 O Turismo na Ilha da Pintada

É possível conhecer o Delta do Jacuí e a Ilha da Pintada através dos passeios de barcos oferecidos regularmente na Usina do Gasômetro e no Cais do Porto. A infra-estrutura no cais ainda não é a ideal, mas o passeio é bastante interessante, principalmente se incluir a parada para o almoço na Ilha da Pintada.

A colônia Z-5 oferece, todos os domingos em sua sede, um almoço com pratos típicos, como o peixe na taquara e o bolinho de peixe, além de pratos variados. O passeio é agradável e surpreendente, pois revela as paisagens do Delta e também a vista da cidade de Porto Alegre sob um ângulo singular. Um dos entrevistados lembra de barcos de passeios turístico já no início da década de 1960, mas é somente em 1993 que o almoço na Ilha passa a ter mais organização e regularidade.

A partir da década de 1970 começaram as construções de diversas casas de veraneio e de fim de semana, nas áreas costeiras da Ilha da Pintada e, em especial, no seu entorno (município de Eldorado do Sul), Ilha das Flores e Ilha Grande dos Marinheiros. São casas luxuosas das quais a grande maioria conta com rampa para lanchas a motor, jet ski, quiosques com churrasqueiras, áreas extensas de lazer, como locais para festas e quadras esportivas.

O potencial turístico da localidade se confirma pelos passeios oferecidos regularmente, bem como pela presença de turistas de segunda-residência.

Além disso, a gestão municipal anterior, através da Porto Alegre Turismo, tinha o desenvolvimento do turismo na Ilha da Pintada como um de seus projetos prioritários. Acreditando que o turismo poderia ser uma alternativa de emprego e renda para o local, que sofre com o declínio sócio-econômico. Bem como o Sebrae que mantém projetos no local como qualificação no atendimento e apoio aos grupos de artesanato.

A Ilha da Pintada tem um fluxo de visitantes que pode ser compreendido em dois grupos. Um deles pode ser entendido como *excursionistas*, uma vez que são pessoas que se deslocam à Ilha, mas não fazem pernoite. Este grupo tem como motivação principal o almoço servido no Restaurante da Colônia Z-5 aos domingos, vem a Ilha de carro particular ou com o barco de passeio de turístico. O outro grupo são pessoas que possuem ou usufruem de casas de segunda-residência (casas de veraneio ou fim de semana) na Ilha da Pintada e seu entorno, podem ser entendidos como *turistas de segunda-residência*.

5 O olhar de Residentes Sobre os Visitantes

A partir das narrativas locais busca-se o olhar de residentes sobre estes visitantes. Este olhar não é homogêneo e sua diversidade é que o torna rico e quem sabe mais perto da realidade.

O Sr. Antonio, entrevistado de mais idade, relembra o início da vinda de pessoas de fora e também ressalta as impressões destes visitantes:

Vem gente da volta aí, desde que começou o aterro, essa rua aí, vem gente passear. Visitar a ilha. Todo mundo gosta daqui, né? Pessoal vem aí, nesse lugar essa beirada aí, vem passar o dia. Aí vem gente e diz “aí que coisa mais linda isso aqui”. Dentro de casa um calorão, vem pra cá passar o dia. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Na entrevista de uma das informantes aparece a idéia de como começou o interesse das pessoas em visitar a Ilha. Aparecem questões como as festas religiosas e a motivação pela pescaria. Mas também o sentimento de uma comunidade excluída do convívio com as pessoas do centro, o sentimento de inferioridade. A imagem que ela acredita que as pessoas de fora tinham da Ilha é uma imagem de um local sem atrativos, com pessoas ignorantes. A grande diferença de infra-estrutura a apenas alguns minutos do centro da cidade, parece ser motivo de desvalorização.

Por outro lado, em outras narrativas, percebe-se uma mudança na forma como a Ilha é vista, se antes era um ambiente sem estrutura, sem atratividade, hoje sua atratividade está justamente no seu diferencial ambiental, de segurança e na rusticidade. Características ressentidas por muitos no centro da cidade. Além disso, a gastronomia do local é destacada como um diferencial que atrai as pessoas – onde o diferencial é o artesanal.

O movimento de pessoas aos domingos para prestigiar o almoço na Colônia Z-5 parece não incomodar esses moradores da Ilha da Pintada. Muitos gostam, justificando que é bom ver o movimento de pessoas já que a Ilha geralmente é um local sem agitação.

Um dos fatores importantes observado, foi o tipo de excursionista que frequenta o restaurante aos domingos. O clima no restaurante é bastante familiar, muitas das mesas têm crianças, percebe-se que o encontro no domingo de alguma maneira reproduz o almoço em família, o que de certa forma não se diferencia demasiadamente do ambiente propiciado pela Ilha. Neste caso, pode-se pensar na hipótese de que quanto maior a diferença (seja cultural, seja de classe social) maiores as chances de conflitos entre a comunidade receptora e os turistas. A questão das diferenças culturais e de classes sociais é destacada como uma das variáveis importantes ao analisar a relação entre residentes e turistas, conforme autores como Krippendorf (2001), Pearce (2001) e Caroso e Rodrigues (1998), por exemplo. Além, é claro, do tempo de permanência dos visitantes no espaço da comunidade. Portanto, o excursionismo da forma que se apresenta hoje na Ilha da Pintada não parece ser fonte de tensões socioculturais. A princípio, se coloca os dois fatores acima relacionados (diferenças socioculturais entre residentes/turistas e tempo de permanência) como explicação para justificar o bom relacionamento entre visitantes e visitados.

Além disso, o turismo trouxe a possibilidade de desenvolver o restaurante da Z-5, e também a loja de artesanato ao lado, o que gerou empregos ou, ao menos, fonte de renda para algumas pessoas. Inclusive muitos dos entrevistados alimentam projetos (ao menos em sua imaginação) de como aumentar este fluxo na Ilha.

Nas narrativas, por um lado, aparecem idéias de aumentar o fluxo de turistas ou até mesmo de aumentar o ganho com os turistas que já frequentam a Ilha. Por outro lado, estas idéias não se concretizam e, nem mesmo em ações individuais (como oferecer o barco de pesca para passeio, ou aumentar a oferta de produtos), portanto, colocam em dúvida se de fato a comunidade deseja aumentar sua inserção nesta atividade.

Em algumas entrevistas o poder público e as trocas de governo são apontados como empecilhos para o desenvolvimento dos projetos: “Tem um grupo que pega junto, não são muitos, mas tem... Tá parado agora. Parou. As mudança de governo ou melhora ou enfraquece. Então é isso aí...” (Sr. Adão, entrevista concedida em 10/02/2006). Muitos entrevistados entendem que a responsabilidade pelo crescimento do turismo na Ilha é do poder público.

As narrativas sobre o trabalho relacionado ao turismo também oferecem um olhar destes residentes nesta relação. Lea fala da sua experiência de trabalhar como cozinheira na Z-5:

Adoro trabalhar lá. Eles não fazem diferença, por ser menos ou mais. Não tenho o que falar de nenhum deles, nem do pessoal do escritório, nem da cozinha. É uma equipe, sabe? É uma família que se tu tiver um problema, eles se juntam ajudam, super legal. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Interessante ressaltar que o Restaurante da Z-5 é administrado por pessoas da comunidade e todo o seu quadro de trabalhadores é residente da Ilha da Pintada, o que leva a identificar um gestão da própria comunidade do principal serviço/atrativo da Ilha.

Já, na escolha dos pratos oferecidos, há uma mistura de influências na decisão do pessoal da cozinha. Eles decidem o cardápio, levando em consideração o que eles acreditam que o turista quer, e também buscam novas idéias de pratos em feiras que possam ser usados para variar:

Mas o pessoal gosta de mudar. Outra coisa também é o pessoal que vem do centro, eles exigem muito é o doce caseiro que a gente faz. As vezes até eles compram pra levar. Doce de abóbora eles gostam muito. O arroz de leite, tudo doce que seja caseiro, esses doces tipo gelatina eles não são muito. Figo em calda, eles gostam. Sempre procura fazer esses doces assim. Como se diz, é a comida caseira, né? Eles vem pra comer comida caseira, e eles querem que o doce também seja caseiro. A gente faz pra eles. (Lea, entrevista concedida em 21/02/2006).

Nas palavras de Lea é possível identificar orgulho por conseguir agradar as pessoas que vem almoçar na Z-5. A comida que aprendera a fazer com sua mãe, para ajudar nas tarefas de casa e alimentar seus dez irmãos, hoje tem um outro valor. Seu trabalho é reconhecido como algo diferenciado – a comida caseira ganha um novo significado para Lea.

Dois filhos de Lea trabalham como garçons na Z-5, eles contam que já conquistaram clientes habituais e, muitas vezes, são recompensados com elogios e gorjetas. Diversos outros estudos de mudanças socioculturais do turismo mostram a questão da servilidade da comunidade receptora em relação ao turista (ARRONES 1992, KRIPPENDORF 2001). No caso de Dudu, um jovem de 19 anos, a relação com o cliente do restaurante se dá de acordo com o tratamento que o turista confere a ele:

A grande maioria é legal, a gente tenta agradar aqueles que nos agradam também. Aqueles que chegam ali botando a boca, já deixa de lado. Vem gente pra conhecer o peixe, pra provar. Tem gente que vai direto ver como é que é feito, se da pra levar. Tem gente que leva. Tem gente que se satisfaz com um, mas tem outros que...dois, três. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

Outra fonte de renda que tem sido estimulada pelo turismo é a produção do artesanato. Há ao lado do restaurante da Z-5 uma loja de artesanato onde um grupo de artesãs expõe seu trabalho. Entre os trabalhos oferecidos estão o crochê, pintura de caixas de madeira, de guardanapos e panos de prato, bonecos de pano e o que mais se diferencia é o artesanato com escama de peixe. A maior parte são brincos, mas há também biquínis, bolsas e chapéus bordados em escama de peixe, além de capelinhas de santos cujas roupas têm escama. Dona Terezinha mora na ilha há quase vinte anos, e é coordenadora do grupo Art Escama, marca já registrada. Ela conta como se deu a entrada deste

artesanato na Ilha da Pintada:

Como sou pesquisadora, acabei pesquisando nos museu antropológico⁵, tem duas peças, então podemos dizer que estamos resgatando isso da escama de peixe. Eu já descobri que existe essa parte da escama de peixe, trazida pelos açorianos pra cá. Aqui dentro da Ilha eu não consegui descobrir. Então o pessoal queria desde 1998 fazer este artesanato e não conseguia, então o que que eu fiz? Fiz consulta com o Instituto Cultural Português, pra que me mandassem um professor pra isso.

Foi feito, então, um curso gratuito e, aos poucos, este conhecimento foi se espalhando, hoje existem dois grupos de artesãs que trabalham com o artesanato de escama de peixe. Conversando com as artesãs na loja de artesanato elas reclamam que o movimento é fraco durante a semana e, por isso, as vendas concentram-se somente aos domingos. Mas afirmam que, mesmo assim, a renda advinda do artesanato ajuda, e muito, no orçamento da família. O grupo também vende seu artesanato em outras lojas, em dois Shoppings Centers no centro, mandaram também para uma loja na Praia dos Ingleses (Florianópolis) e até já exportaram para a Espanha.

Para Dona Terezinha as outras mulheres do grupo não estão engajadas como deveriam e, inclusive, tiraram dois meses de férias no verão, o que, em sua opinião, não está correto. O grupo tem trabalhado também com o apoio do Sebrae, que atualmente tem ajudado a desenvolver embalagens com figuras da paisagem do Delta do Jacuí.

Outra produção significativa na Ilha da Pintada são as redes, de pesca ou esportivas, são as artesãs “redeiras, e não rendeiras”, como explica Lea em uma entrevista (concedida em 21/02/2006). O conhecimento na fabricação de redes de pesca foi passado através das gerações e, hoje, um grupo de artesãos da Ilha já fez um curso aperfeiçoando este conhecimento, inclusive para outros tipos de rede. Sendo que, atualmente, o grupo produz mais redes esportivas ou de proteção do que as de pesca em si, pois consideram estas últimas as mais trabalhosas e que não oferecem o retorno financeiro esperado.

Observando os visitantes da Ilha da Pintada aos finais de semana, aqueles que vão de carro ou de barco para almoçar, é possível constatar que a grande maioria não circula pela Ilha antes ou depois do almoço.

A maior parte dos visitantes vai somente para almoçar e logo retorna. Quanto a essas pessoas que ficam mais tempo, em especial no calçadão à beira do rio, o Sr. Antonio reclama:

A única coisa que é ruim é que vem gente de tudo que lado, e vem tentar roubar né? Esculhambação, isso aí eu não admito. Aqui, às vezes eles vem cortando. Eu digo: Aqui não, aqui eu quero respeito. Chegam aqui vem cortando taquara que eu plantei, eu não admito. Se me pedir eu até corto. Mas aí vem e digo “êpa! O senhor plantou isso aí? Então como é que vai cortando?”. Se eu for lá na sua casa e tirar um troço você não vai gostar. E assim [...] roubo de barco já houve, agora parou um pouco. Levaram motor barco, rede então [...] é gente de tudo que é lugar. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Sobre a vinda de pessoas para visitar a Ilha, o Sr. Adão, pescador e com experiência de guia local, comenta que existem pessoas com diferentes intenções:

Tu sabe que em partes, eu vou ser bem verdadeiro, em parte tem pessoas que vem fazer reconhecimento que a gente até não gostaria que viesse. Porque quanto mais as pessoas [...] cada um olha de uma maneira. Um olha, tipo esse passeio que nós fizemos, que a gente conheceu, coisa boa, muito bonito. Mas vem pessoas, como já vieram aqui, tentar mudar alguma coisa, entende? Prejudicando o nosso sistema, entende? Isso aí eu creio que não é bom

[...] Aqui uma vez encostou um barco, um iate, e me ofereceu na época, US\$25.000. Agora eu te pergunto pra ti: Isso é bom ou é ruim? Pra mim que sou o original daqui, é bom ou é ruim? É ruim, né? Por isso que eu te digo, como vem pessoas de todas as intenções [...] Muita gente acabou vendendo [...]. Tu viu ali ô, tem uns casarão daqui um pouco tem uma moradia simples, um monte de barquinho, entende? Pessoas que ainda tão segurando a tradição. [...] Então, eu te pergunto, isso é bom? Isso não é bom. Acontece, mas não é bom. (Entrevista concedida em 10/02/2006).

Os casarões aos quais o Sr. Adão se refere são as casas de segunda residência que tomaram conta da margem da Picada Norte (município de Eldorado do Sul) e do início da Ilha da Pintada. Como visto anteriormente, essas casas começaram a ser construídas na década de 1970 e hoje para alguns moradores são motivo de indignação, conflito ou constrangimento. No depoimento acima, o Sr. Adão vê as pessoas que não venderam seus terrenos para a construção destas casas como “pessoas que seguram a tradição”, ou seja, que fazem resistência à vinda deste tipo de turista (de segunda residência).

Os depoimentos de moradores a respeito das casas de segunda residência são reveladores de tipos diferenciados de visão quanto à vinda destas pessoas. De maneira simplificada, podem-se identificar dois tipos – os que aceitam a vinda destas pessoas, porque afinal pagaram pelos terrenos, e entendem que a diferença entre pobres e ricos sempre existiu e é algo dado; e outro grupo que traz diversas críticas à esses visitantes, que com seus muros contínuos terminaram com o acesso à margem do rio.

Para referirem-se à estes turistas muitas palavras foram usadas “esses tubarão” (Sr. Ademir), “os maioral” (Lea), “os rico”, “magnata” (Dani), “os burguês” (Sr. Adão). É nas falas destes moradores onde se pode captar estes olhares:

Porque na realidade eles fazem turismo na nossa Ilha. Jet ski, festas, festas assim ó grandiosíssimas, festas assim ó, que eles pagam os pátio das pessoas, pras pessoas cuidarem os carros, porque não dão vencimento de tanto carro. Helicóptero, campo de futebol, de tênis, eles tem tudo isso. E aí vem os amiguinhos, dos Estados Unidos, não sei da onde, isso é turismo de uma certa forma. Aí convida quatro, cinco colegas, e diz “ai, eu moro numa ilha”, já ta né... (Dani, entrevista concedida em 15/02/2006).

Neste depoimento, o Sr. Ademir fala de quando começaram as construções. Neste sentido, o acesso a Ilha teve função preponderante do avanço das construções das residências secundárias.

Começou a partir das pontes. Antes não tinha acesso. Aí no momento que saiu a ponte, aí deu acesso, aí eles começaram a entrar. A maior parte disso aí é da *⁶. A maior parte dessas mansão quase tudo é da *. Foram se apossando do que pode, eles tão investindo ali. Esse pessoal do * é uma família muito rica, né? Mas eles são gente boa. Em tudo quanto é evento, tudo quanto é coisa que tem aqui, que pedi ajuda pra eles, eles ajudam. Eles ajudam dentro das necessidades, vamos dizer, tem uma festa aqui, tu vai fazer uma almoço ou uma janta pra 200, 300 pessoas, manda um, como é que se diz, um memorando, né? Uma coisa assim [...] pra eles lá. Manda pedindo vamos dizer, quero tanto de arroz, ou massa, pode contar com eles. [...] A maioria não tem relação nenhuma, o mais chegado é o *, é o que mais tem, e é o que é mais chegado. Aqui tem o pessoal da *, esses aí então nem conhecem a Ilha. O meu vizinho trabalha com eles lá, diz que a velha é excelente criatura, já os filho, são bem mais diferente, né? A família tem um monte de filho drogado e coisa. Mas não aparece porque é rico. (Sr. Ademir, entrevista concedida em 19/02/2006).

Outro ponto a ser notado na fala acima é a referência à vida destas pessoas proprietárias das casas. Este é um elemento comum em outras entrevistas, os informantes demonstraram gostar de ter conhecimento sobre a vida daquelas pessoas, como se isso lhes conferissem distinção social.

O Sr. Ademir reforça que apenas uma das famílias mantém contato com a comunidade e vê isso como algo positivo.

Já Dani encara de forma diferenciada as ajudas prestadas por esta mesma família:

Olha, não mudou nada se tu quer saber [...] No sentido de intervenção na comunidade, de ajuda, de participação, ou até mesmo alguma forma de geração de renda, nada. Quem ta tentando fazer alguma coisa, e aí vou repetir isso, eu quero que tu deixe de marca assim, ta fazendo porque é uma empresa grande, porque quer ter seu nome na mídia e isso já passa a contar nos números. Que é o *. Não vem me dizer que o * ta fazendo o que ta fazendo, porque pra mim ele tem planos futuros, pra mim, até presidência do país. Então assim, mas de todo esse pessoal, nada, eles são muito sozinhos. [...] Não tem um contato. O * é que ta fazendo este link aí, mas porque o nome dele na placa, sabe que dá status. Tem o posto de saúde. Eu nunca fui apresentada por nenhum desses magnata. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

Num certo momento, sentia-se um constrangimento em responder as perguntas relativas às casas de turismo de segunda residência:

Claro, isso aí é muito ruim pra mim dizer que é ruim, porque eles tem os pró e os contra deles [...] mas, antes sem essas casas era melhor, entendeu. Aí o ilhéu tinha mais liberdade.[...] Festas grandes, ali a Ilha do Sol⁷ é uma festa reconhecida, propaganda na televisão, nas rádios. Tem artistas famosos... Fica diferente do que é aqui, porque é gente da alta, né? Ali eles vendem pacote de R\$200, R\$250 por pessoa. É só o filhinho de papai e o papai junto. Então o seguinte, não é festa pro ilhéu participar, é uma coisa que é a parte. Não se cria convivência, não se cria não. Sempre depois de uma festa dessas, se sabe de assalto, se sabe disso se sabe daquilo outro. Claro, não envolvendo gente da ilha. Conversando com os seguranças né?, porque só ali são 22 seguranças. (Sr. Adão, entrevista concedida em 10/02/2006).

O Sr. Adão coloca no seu depoimento acima que a relação entre turistas e residentes não se estabelece, devido a grande diferença de classe social que os divide. Conforme sinalizado por autores como Krippendorf (2001) e Pearce (2001).

O Sr. Antonio também menciona as grandes festas realizadas na casa onde ele era caseiro, onde poucas pessoas reconheciam seu trabalho. Nesta passagem, ele cita o ex-Presidente Médici, que estabeleceu um dos regimes mais severos durante a ditadura militar, como uma pessoa que reconheceu seu trabalho e lhe compensou com dinheiro:

Sábado e domingo eu e minha mulher fazia comida pra 60, 70 pessoas. Nós assamos carne, eu e o motorista, e a mulher fazendo comida salada e coisa. Quase 80 pessoas, até o presidente Médici veio aqui. Foi o único que foi lá na cozinha agradecer para nós e botou 200 pila no meu bolso e da minha mulher também. O único, os outros ficavam quebrando copo e [...] (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Nesta passagem o Sr. Adão conta, com orgulho, como foi a experiência de negar a oferta pelo seu terreno e, também, afirma que os moradores da Ilha não tem interesse de se desfazer dos seus terrenos,

Aqui esse pessoal daqui ta todo mundo cabeça feita, pra não vender. Tu vê, uma oferta como eu tive aqui, e eu tava precisando, U\$25.000 pra quem não tem. Enfiou o barco aqui ó [...] tu tinha que ver o barco, todo cheio de espelho, tudo lotado com esses microcâmera, tudo instalado, onde ele tava constava, tudo coisa de primeiro mundo, coisa linda...Então ele

achou que eu ia me assustar, né? E eu digo [...] o dinheiro não faz a minha cabeça, porque o seguinte, depois pra onde que eu vou? Eu saio da margem aqui pode diminuir dez anos da minha vida, daí não [...] a minha resposta pra ele foi não. (Entrevista concedida em 10/02/2006).

Dani também acredita que a comunidade faça resistência quanto à venda de seus terrenos:

Esse boom desses monte de casa, das mansões, foi impressionante, se a gente não se cuidar eles querem até aqui. Eles querem tudo. Aqui a gente valoriza muito, por causa da luta. Então o pessoal pra cá já é mais consciente, assim. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

Já Lea relembra que na época em que começaram as compras dos terrenos da margem, houve certa exploração para com os moradores:

Claro eu era criança quando eles começaram a construir essas mansões. Até eles, se eles queriam teu pátio, teu terreno, na beira da praia, né? O pessoal sempre dá valor pro lado da praia, não pro lado do mato, né? Eu lembro que o pessoal, claro pra rico não era dinheiro, mas pra pobre tudo é dinheiro, né? Aí muitos se engabelavam, “ah eu quero tanto”, eles davam e não tavam nem aí, porque sabiam que eles iam... hoje o pessoal já quer mais. (Entrevista concedida em 21/02/2006).

O Sr. Adir considera que foi feita uma opção pelos pescadores quando venderam seus terrenos e que não se pode culpar os novos proprietários. Ao mesmo tempo, percebe-se um ressentimento com relação a quem vendeu e não conseguiu dizer não.

Também o Sr. Ademir fala das compras dos terrenos para a construção das casas de segunda residência:

Isso ali eram terras da família que antes criavam, e aí os filhos foram ficando pra morar ali. Aí trocam tudo por dinheiro, e as vezes ainda botam fora. Porque essa classe mais pobre não tem idéia de dinheiro, acha que qualquer coisa é dinheiro. As vezes se não tinha uma pessoa mais instruída, eles davam qualquer coisa e eles achavam que era dinheiro, isso aí eles fizeram bastante. Muita gente comprou a troco de nada, exploraram eles, não sabiam o que era. Quando viam já tinham feito o negócio, já tinham assinado tudo. Não tinha mais nada. Aí depois foram ficando mais esperto, procurando alguém que tivesse mais conhecimento. (Entrevista concedida em 19/02/2006).

Considerando as vendas dos terrenos, o Sr. Ademir identifica como ponto positivo o emprego que alguns conseguiram nas casas destes turistas: “Tem uns até que depois que venderam ficaram amigo, aí ficaram trabalhando nas casas. Aí ficaram melhor, porque ficaram empregados. Era mais eram pecuaristas.” (Entrevista concedida em 19/02/2006).

Fica posto no depoimento acima a transição da tradição familiar pecuarista para uma nova realidade como assalariados. Em outras localidades turísticas, os estudos demonstram o turismo como responsável pelo processo de mudança do trabalhador rural, dono do seu meio de produção em assalariado (ARRONES, 1992; CALVENTE, 2001). Porém, um olhar mais atento para a história da Ilha da Pintada verá que estas atividades tradicionais na Ilha já estavam em franco declínio antes do início das construções de casas de segunda residência. O trabalho assalariado aparece como uma opção à crise já estabelecida.

Conforme dito pelo Sr. Ademir, as terras já não eram mais produtivas. Isto não quer dizer que a posse destas terras pelas construções turísticas seja justificável. Nem mesmo pela geração dos

poucos postos de trabalho, afinal a mudança no território foi drástica, o morador tradicional não somente foi deslocado para a parte de trás, ele perdeu o acesso e, até mesmo, a vista para o rio.

Neste ponto é importante lembrar, que até o ano de 2005 toda esta área era considerada parte do Parque Estadual Delta do Jacuí, a princípio uma área de uso restrito, o que evidentemente não foi respeitado, considerando todo o aterro feito nestas áreas para suportar aquele tipo de construção, além de toda interferência na flora nativa, trocada por ajardinamentos, e os muros de contenção de cimento.

Dona Terezinha comenta a respeito dos privilégios dados aos proprietários das residências turísticas:

Sempre foi assim e vai continuar sendo, ricos tem poder, dinheiro e o pobre não pode aterrar. Qualquer governo, não estou falando deste nem daquele, em todos os governos houve privilégios aos ricos. Isso a gente sabe. E isso prejudicou muito o Delta. As Ilhas, bastante prejudicadas, aqui na Ilha da Pintada não pode, mas os ricos podem, e daí? Então eu acho que não podia ser assim. (Entrevista concedida em 02/03/2006).

Se por um lado, os excursionistas de domingo são bem-vindos à Ilha, pois consomem no restaurante, elogiam a paisagem, compram e apreciam o artesanato local e criam, mesmo que seja na relação entre cliente e prestador de serviço, um laço afetivo, por outro lado, os turistas de segunda residência dividem de forma clara os olhares desses moradores. A marca da distância entre esses moradores e esses turistas parece estar na grande diferença de classe social existente, e na forma como cada pessoa analisa a diferença de classes.

O Sr. Adir, ligado à colônia de pescadores, considera que cada pessoa deve viver de acordo com a condição que tem. E a questão das classes é definida pelas próprias pessoas:

Eu não vejo dificuldade, quem faz as dificuldade é nós mesmos. Sabe? Jamais eu acho que tu não vai ser bem recebido em qualquer lugar desses [...] não pode é ta visitando todos os dias. Prova é que 90% dos caseiros que tem aqui, são gente daqui, então não é aquela coisa assim [...] são gente que moram lá dentro da casa com eles! Só que são caseiros [...] e é uma realidade da vida que não alcançou, então tem que ser caseiro mesmo. Não tem como ter uma casa daquele estilo, não tem para isso [...] ele é caseiro. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

Há no depoimento do Sr. Adir o sentimento de conformação com a situação da diferença entre as classes sociais e, ao mesmo tempo, ele considera que as pessoas têm que se “sujeitar” ao trabalho oferecido pelos turistas.

Já o Sr. Ademir fala o que pensa quando perguntado a respeito da diferença de classes existente entre os residentes e os turistas: “Isso aí não foi [...] tu vê ali, a mansão é fechada, né? Tu só vê entrar e sair os carros. Eles não se invocam com ninguém da vizinhança, eles também não se invocam.” (Entrevista concedida em 19/02/2006).

O Sr. Antonio teve experiência de trabalhar como caseiro em uma das casas, ele conta que tinha uma boa relação com seus patrões, mas sabe de casos diferentes do seu:

[...] lá eu cortava a grama, pintava o cercadinho das plantas. Plantava flor, lavava tudo lá, cuidava da lancha. E eu tinha o meu barquinho, até a rede eu comprei. Eu tinha uma rede. Ele dizia “pode pescar”. Ele era bom, mas os outros, tem um aí, Seu P., que eu não trabalho por dinheiro nenhum, miserável! [...] Aí passei um tempo lá conversando com o véio e diz ele assim: “É eu comprei carne pra fazer churrasco, eu comprei uma lingüiça, mas a lingüiça tava estragada e dei pro caseiro.” Na mesma hora, eu disse pra ele, “vem cá, a lingüiça tava estragada o senhor não quis e deu para o caseiro? O caseiro é cachorro?”. O veio olhou pra

mim deu uma risada e não falou nada. Uma coisa que eu não vou comer vou dar pra ti? Nem pra um cachorro eu não dou. Meu cachorro não come carne ruim, podre. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

É nas palavras de Dani onde encontra-se mais declarado o conflito com os turistas de segunda residência:

Ficam atrás daqueles muros todos lá. E quando vem, é num carrão de luxo o vidro todo escuro e ainda passam assim, olhando, como se a gente fosse assim um bibelô, e eles lá dentro né? Ar condicionado, aquelas mulheres com aquele cabelão. Ai meu Deus! Eu to até satirizando, porque dá graça quando passam aí na frente. Eles não gostam de pobre, morrem de medo de ficar pobre. Porque na realidade, se ficarem pobre, não sabem fazer nada que pobre faz pra sobreviver. Botar a mão numa enxada, fazer um artesanato, fazer o feio ficar bonito. (Entrevista concedida em 15/02/2006).

Dani fala da forma como se sente ao ser observada pelo outro, com o vidro do carro e o ar condicionado, fazendo fronteira à este contato. Este fato pode-se relacionar a afirmação de Krippendorf (2001, p.85) “o que deveria ser um encontro sucumbe a ‘síndrome do zoológico’, onde uns e outros se observam”. Há, também, nas palavras de Dani o orgulho do saber do “pobre”. Pois é este saber que, segundo ela, “transforma o feio em bonito”.

O Sr. Antônio traz, neste depoimento, o que ele considera ruim com a presença dos turistas de segunda residência:

Esse pessoal que ta aí, só ta prejudicando nós. Não as casas, mas os barco deles e as lancha, mexem tudo no fundo aqui. Arrebenta a corda, tem que ta o barco bem amarrado porque arrebenta tudo. Eles não olham, eles vêm com essas lanchas aí e fazem aquele mar, esses tempos me deram um banho aqui. Quase cai na água ali. Passa o fim de semana aí, hoje não é tanto mas sábado e domingo, feriado, Deus o livre de ver o que é a esculhambação. Essa semana até quebraram o motor de um cara ali. Arrebentou a corda e o motor se foi. É só final de semana. Eles não respeitam. Nem anda no rio a gente não pode. É só a lancha deles, pra lá e pra cá. O maior prejuízo pra nós é isso aí. Tem as marina deles aí na ilha. Eles não respeitam ninguém. [...] Eles compraram os terrenos era do pessoal da ilha, pra marina. Depois que vieram o pessoal que tem dinheiro, porque tem dinheiro eles pensam que podem fazer o que bem entende. Mas não é bem assim, tem que ter respeito. Eles dão risada ainda, se passar aqui e meter o barco no fundo ali, sai abanando. Os daqui não. (Entrevista concedida em 06/02/2006).

O Sr. Antonio considera que há desrespeito dos turistas com relação aos moradores e o ar de superioridade é identificado quando “Eles dão risada, ainda”, e também levanta a questão de possuir dinheiro como razão das atitudes. O comportamento permissivo dos turistas e o espaço turístico transformado em espaço de transgressão foi abordado em outros estudos referentes aos processos socioculturais do turismo (RUSCHMANN, 1997; RODRIGUEZ, 1994, entre outros).

Também importante ressaltar o novo tipo de apropriação do espaço na Ilha da Pintada, que aparece em sua fala: as marinas particulares. Foram construídas duas marinas recentemente na Ilha da Pintada.

6 Algumas Considerações

A comunidade da Ilha foi se formando ao longo dos anos com a vinda de pessoas de diferentes origens. Esta Ilha nunca viveu totalmente isolada, as trocas comerciais no centro da cidade também eram trocas culturais. Com o passar do tempo a comunidade desenvolveu e adquiriu seus costumes, modo de vida, a pesca e a agricultura tiveram grande influência nessa

formação cultural. A comunidade preserva sinais diferenciados no seu modo de vida, na sua relação com a pesca, com o rio, com seus vizinhos. Comparados à maioria dos moradores da metrópole Porto Alegre, é possível entrever uma fronteira. Fronteira esta que os próprios moradores fazem questão de identificar, seja ressaltando seu estilo de vida diferenciado seja falando do seu ambiente salutar.

O que não quer dizer que esta comunidade está presa em uma redoma cultural, pelo contrário, as trocas se intensificam a cada momento, as feiras, os eventos, os diferentes agentes sociais, a globalização, tudo está presente nesta comunidade. A convivência entre o artesanal e o globalizado se dá de uma forma que só a dinâmica cultural pode fazer.

Muitas transformações recentes marcam a história da Ilha da Pintada. Houve conquistas de melhorias na infra-estrutura urbana da Ilha. Já com o declínio das atividades tradicionais, ela perde seu papel como abastecedora de alimentos do centro de Porto Alegre. Isto também resulta na busca dos moradores para inserirem-se nas novas exigências do mercado. Se por um lado, a fartura de outrora deixa saudades no imaginário, por outro, há o reconhecimento de benefícios que a modernidade trouxe. Todas estas mudanças foram construindo o que é a Ilha hoje.

A Ilha da Pintada vive a coexistência do artesanal com o moderno, o hibridismo cultural permite esta riqueza heterogênea. Para Canclini (2003, p.214) “É possível construir uma nova perspectiva de análise do tradicional-popular levando em conta suas interações com a cultura de elite e com as indústrias culturais”. Desta forma, o autor afirma que “o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares tradicionais” (ibid, p.214).

O Turismo vem a ser mais um agente de transformação. Os olhares dos residentes contaram estas mudanças, de um local sem atrativos para um local com muitas casas de veraneio e fluxo de visitantes todos os domingos.

O artesanato na Ilha da Pintada desenvolve-se cada vez mais, tanto com a retomada de conhecimentos tradicionais para novos usos, como a rede de pesca e as esportivas, como também, um artesanato ligado aos elementos culturais locais como a escama de peixe, mas não necessariamente originário de lá. Para Canclini (2003, p.216):

Mesmo sendo certo que em algumas regiões a incorporação da força de trabalho camponesa a outros ramos produtivos reduziu a produção artesanal, existem, por outro lado, povos que nunca tinham feito artesanato, ou apenas o fabricavam para autoconsumo, e que nas últimas décadas se iniciam nesse trabalho para suportar a crise.

Com isso, conforme sinaliza Canclini (2003), o mercado precisa dar conta dos setores que resistem ao consumo uniforme ou têm dificuldade de incorporar-se nele. Com este objetivo, a produção artesanal supre esta demanda, tendo aceitação entre os indígenas, os camponeses, as massas de migrantes e novos grupos, como intelectuais, estudantes e artistas (CANCLINI 2003, p.216), assim como para os turistas que buscam no souvenir a concretização da idéia do artesanal, do autêntico, mesmo ensaiado. Portanto, a incorporação dos produtos artesanais nos circuitos comerciais não deve ser interpretado simplesmente como um processo homogeneizador.

Algumas das mudanças propiciadas pelo desenvolvimento turístico são bem-vindas outras, conflituosas. Quanto ao artesanato, o turismo tem estimulado sua produção e comercialização. Gerando renda para diversas famílias na comunidade. Este estímulo positivo ao artesanato pelo turismo é encontrado em outros estudos (DE KADT, 1979; MCKEAN, 1989; entre outros).

No restaurante da Z-5 estabelece-se uma troca comercial, mas também humana, uma troca de gentilezas, o dar e retribuir, a resignificação do valor do trabalho. E o trabalhador estabelece também a forma desta relação, pois a resposta de moradores aos destratos de alguns turistas é

dada à altura, como no caso do jovem garçom da Z-5 que atende bem àquele que o tratar bem.

Já as restrições quanto aos turistas de segunda residência estão marcadas pela diferença social discrepante, pela formação de guetos, a marca da sociedade globalizada, onde o importante não é ser, e sim ter (ORTIZ, 1994). As diferenças são reforçadas pelos privilégios políticos que os turistas possuem na visão de moradores. Até mesmo, a falta de respeito para com os moradores e seus barcos de pesca, é entendida como resultado das posses dos turistas, porque o dinheiro “pode tudo”. O comportamento permissivo do turista identificado em outros estudos parece repetir-se (RUSCHMANN, 1997; KRIPPENDORF, 2001; LAGO, 1983).

Ao lado desta visão indignada, está também a conformidade, afinal, sempre foi assim, ricos e pobres, parece que esta máxima não pode ser questionada ou talvez nem valha a pena. Os anos de história e subjugação talvez tenham imprimido isso.

A especulação do solo foi estabelecida com as construções de residências turísticas, na Ilha e seu entorno, mas muitos moradores já estão articulados para conter esta “invasão”, pelo fato de decidirem, não de forma organizada, formal, mas por um valor compartilhado na subjetividade do grupo, não venderem seus terrenos, em especial os da margem. Duas marinas estabeleceram-se recentemente na Rua Nossa Senhora da Boa Viagem, que tem acesso direto ao rio, sinais de que a resistência não está tão coesa e a luta ainda continua, uns pressionando para entrar, outros empurrando no sentido contrário, outros ainda cedendo. É no espaço onde se percebe com clareza os resultados da luta, quando novas ocupações “dos de fora” se estabelecem. Conforme outros estudos do tema, (CALVENTE, 2001; CAROSO; ROGRIGUES, 1998) na Ilha também houve, em algumas negociações de terrenos, compras abaixo do valor de mercado.

Algumas peculiaridades marcam a relação visitante/residente na Ilha, o público do restaurante da Z-5 é familiar, o tempo de permanência é curto, já os turistas de segunda residência são por um lado pessoas isoladas em suas propriedades, mas também são visitantes freqüentes. O uso das casas turísticas acontece aos finais de semana durante o ano todo. Os ilhéus que trabalham como caseiros, cozinheiras, seguranças acabam criando um laço diferente daquele tipo de turismo em que dificilmente os atores voltam a se encontrar. As histórias dos turistas e suas famílias acabam por circular pela comunidade. É comum nas entrevistas escutar “meu vizinho trabalha lá e me disse que [...]”.

O início da atividade turística na Ilha da Pintada se perde no século XX, com alguns turistas aventureiros, pescaria, passeios no Delta na década de 1960. Mas foram as construções das casas de segunda residência talvez a maior transformação neste espaço. Já, a consolidação do restaurante da Z-5 e o aumento na produção do artesanato também constituem mudanças na vida desta comunidade, que busca adequar-se as novas exigências do mercado e as novas necessidades de sobrevivência.

É curioso que, apesar das investidas de órgãos oficiais de turismo e do Sebrae, os projetos turísticos na Ilha da Pintada não se concretizaram. Se por um lado os entrevistados afirmam que gostam do movimento aos domingos, por outro, dizem que não gostam quando as pessoas mexem nas árvores da margem, nem nos barcos ou mesmo que queiram “mudar o seu sistema”. Se há de fato interesse da comunidade em desenvolver o turismo, por que não percebe-se iniciativas de grupos ou mesmo individuais de exploração da atividade? Como uma das informantes alega, nenhum pescador oferece seu barco para passeio de forma regular.

Os planos com relação ao turismo sempre dependem, na visão dos entrevistados, da ação do poder público ou de outras pessoas, que não sejam eles mesmos. Ao questionar o porquê da dependência de atitudes governamentais para ações voltadas ao turismo, uma das informantes afirma que os grupos organizados da Ilha não são coesos, competem entre si e, por isso, dependem do incentivo externo. Será? Entre a empolgação com o turismo e o reconhecimento

dos benefícios trazidos pelo restaurante da Z-5, transparece o contentamento da realidade como ela está. O fato da oferta turística não crescer na Ilha pode fazer parte de uma “resistência pacífica” ao aumento de fluxo de turistas. Talvez os órgãos oficiais desejem mais o desenvolvimento turístico do que os próprios moradores.

7 Referências

ARRONES, Francisco Jurdao. **Los Mitos del Turismo**. Madrid: Endymion, 1992.

CALVENTE, Maria del Carmen M. H. (org). **O impacto do turismo sobre comunidades de Ilhabela (SP)**. in LEMOS, Amalia Ines G. de. Turismo: impactos socioambientais. São Paulo: Hucitec, 2001.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CAROSO, Carlos e RODRIGUES, Núbia. Nativos, veranistas e turistas: Identidades, mudanças e deslocamento sociocultural no litoral norte da Bahia. **Turismo em Análise** v.9, n.1, 1998.

DE KADT, Emanuel. **Turismo: passaporte al desarrollo? Perspectivas sobre los efectos sociales y culturales del turismo en los países en vías de desarrollo**. Madrid: Endimyon 1979.

GOMES, Juvenal et al. **Memória dos Bairros Arquipélagos – as ilhas de Porto Alegre**. Secult: Porto Alegre, 1995.

LAGO, Mara C. de S. **Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Ciências Súcias. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1983.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo – para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.

MACKEAN, Philip F. **Hacia um análisis teórico del turismo: dualidad económica e involución cultural en Bali**. In SMITH, V. Anfitriones e Invitados. Madrid: Endymion, 1989.

MAIO, Ivone Passos dos. **Processos Socioculturais do Turismo na Localidade Receptora: o olhar de residentes sobre os visitantes na Ilha da Pinatada/Porto Alegre/RS**. Dissertação de mestrado. Universidade de Caxias do Sul/Mestrado Acadêmico em Turismo. Caxias do Sul, RS:2006.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. Brasiliense: São Paulo, 2000.

PEARCE, Philip L. **A relação entre residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão**. In THEOBALD, William F. Turismo Global. São Paulo: Editora Sena, 2001.

RODRIGUEZ, Pilar F. Impactos culturales em um área periférica al turismo (Güimar, Tenerife). **Estudios y perspectivas en turismo**.v.3, n.3, 1994, p.214-222.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. Campinas, SP: Papyrus,1997.

SILVA, Yolanda F. **Pobreza, violência e crime – conflitos e impactos sociais do turismo sem responsabilidade social**. in BANDUCCI,A. e BARRETTO, M. (orgs.).Turismo e Identidade Local –

Uma Visão Antropológica. Campinas, SP: Papirus,2001.

TULIK, Olga. Residências Secundárias – as fontes estatísticas e a questão conceitual. **Turismo em Análise**. V.6, n.2, 1995, p.26-34.

8 Notas Explicativas

¹ Este artigo explora alguns resultados da pesquisa realizada para Dissertação de Mestrado orientada pela Dra. Margarita Barretto e co-orientada pelo Dr. Rafael José dos Santos. (MAIO, 2006). Este trabalho foi apresentado, com algumas alterações, na XXV Reunião Brasileira de Antropologia (2006).

² Para esclarecimento do uso do termo *processos* e não *impactos* ver MAIO 2006.

³ Para conceito de casa de segunda residência ver TULIK (1995).

⁴ Neste trabalho são usados os mesmos nomes fictícios utilizados na dissertação de mestrado, mantendo o sigilo dos informantes.

⁵ É provável que esta pesquisa tenha sido feita pela internet, conforme o costume da entrevistada.

⁶ O símbolo *, substitui o nome de uma empresa/sobrenome de família que possui casa de segunda-residência.

⁷ Local para eventos.